

EDUCADOR-TERAPEUTA – OS BENEFÍCIOS DO OLHAR DO ESPECIALISTA EM MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO MUSICAL

EDUCATOR-THERAPIST - THE BENEFITS OF THE LOOK OF SPECIALIST MUSIC THERAPY IN MUSIC EDUCATION

Daniele Torres de Almeida⁸, Ana Maria Caramujo Pires de Campos⁹
(FMU - SP)

43

Resumo - O presente artigo intitulado "Educador-terapeuta – os benefícios do olhar do especialista em Musicoterapia na Educação Musical" tem uma abordagem reflexiva sobre a educação musical, a relação entre o educador e o(s) aluno(s) e a importância da valorização do indivíduo no processo de ensino/aprendizagem, enfatizando seu potencial criativo, considerando que a musicalidade está presente em todos os seres humanos e pode ser utilizada para gerar bem-estar e promover a inserção desse aluno(s) no contexto social.

Palavras-Chave: educação musical, saúde e musicoterapia

Abstract - This article titled "Educator-therapist - the benefits of the look of specialist music therapy in Music Education" has a reflective approach to music education, the relationship between the educator and the (s) student (s) and the importance of valuing the individual in teaching / learning, emphasizing their creative potential, considering that the musicality is present in all human beings and can be used to generate well-being and promote the inclusion of such student (s) in the social context.

Keywords: music education, health and music therapy

⁸ Professora de Música formada em Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música – Faculdade Paulista de Artes; Especialista em Musicoterapia pós-graduada – FMU. Acesso ao CV: <http://lattes.cnpq.br/3936150510451315>

⁹ Professora da Graduação e Pós-Graduação de Musicoterapia FMU. Mestre em Ciências Médicas – Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (2012). Especialista em Psicoterapia Junguiana da UNIP. Magíster no Modelo Benenzon (2010). Especialista em Mt - FPA (2002). Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP - Psicóloga IUP (julho de 1983). Especialista em Psicoterapia de Orientação Junguiana coligada à Abordagem Corporal (Sedes Sapientiae, 1993). Acesso ao CV: <http://lattes.cnpq.br/9948414430217978>

Introdução

“A música é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade.”
(KOELLREUTTER 1997, P.72)

A autora deste artigo, por ser educadora musical há 20 anos e ministrar aulas de piano e musicalização infantil em escolas de música e educação básica, interessou-se em ampliar seus conhecimentos com a musicoterapia, buscando especialização nessa área.

Inicialmente, as aulas aplicadas pela autora eram embasadas em metodologias tradicionais, muito embora não concordasse plenamente com a forma que os conceitos musicais eram transmitidos. Em razão desse desconforto, preocupou-se em encontrar outras metodologias e conceitos pedagógicos. Entre eles identificou-se com a visão construtivista da música, apresentada pela educadora Maria Teresa Alencar de Brito, pesquisadora atuante, grande incentivadora dessa busca.

A metodologia e os conceitos pedagógicos construtivistas trouxeram um novo olhar para esse aprendizado. Por meio da construção do conhecimento realizado pelo educando, o aluno passa a ser visto como um agente ativo e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é ensinado. Ferreiro (2013), pedagoga musical e psicóloga argentina construtivista, salienta que cada salto cognitivo depende de uma assimilação e de uma reacomodação dos esquemas internos, que necessariamente levam tempo. É por utilizar esses esquemas internos e não simplesmente repetir o que ouvem, que as crianças interpretam o ensino recebido.

No texto, *Cenas Musicais I - a música do sombra*, Brito (2013, s.p.) diz que,

Com as crianças, importa garantir a possibilidade de exercitarem sua relação com o mundo. Através dos sons podem expressar seu modo de perceber, sentir, pensar... Podem vivenciar questões significativas, importantes em sua vida, já que a música é linguagem que torna sonora nossa própria Forma - quem somos, como percebemos, como sentimos.

Fazendo música somos mágicos, intuitivos, emocionais. Somos racionais e intelectuais. Presentificamo-nos por inteiro, numa vivência simbólica profunda e integradora. Com crianças, basta conhecê-las e respeitá-las: respeitar sua percepção, sua cultura e as características próprias de cada fase de seu desenvolvimento, sua realidade, seu contexto social. (BRITO 2013, s.p).

Brito (2003), propõe a formação integral da criança e destaca que o fazer musical ocorre "por meio de dois eixos - a criação e a reprodução - que garantem três possibilidades de ação: a interpretação, a improvisação e a composição".

Em musicoterapia a improvisação, a composição, a interpretação são técnicas utilizadas no processo terapêutico.

Na música, há quatro tipos distintos de experiências. São elas: improvisar, re-criar (ou executar), compor e escutar. Cada um desses tipos de experiência musical possui suas próprias características particulares e cada uma delas é definida por seus processos específicos de engajamento. Cada tipo envolve um conjunto de comportamentos sensório-motores distinto, requer diferentes tipos de habilidades perceptivas e cognitivas, evoca diferentes tipos de emoções e engaja em um processo interpessoal diferente. Em função disso, cada tipo também tem seus próprios potenciais e aplicações terapêuticas. (BRUSCIA, 2000, p. 121)

Essas experiências musicais são ferramentas fundamentais que levam ao desenvolvimento do processo musicoterapêutico, bem como para o aprendizado significativo do educando.

Brito (2001), em seu livro: Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical, refere à importância da música para o humano como um ser pleno, integral não dissociado, levando em conta sua inserção no contexto social.

A autora deste artigo, desde que entrou em contato com esses educadores, ampliou significativamente sua forma de ensinar e aprender música. Assim, passou a ter como objetivo principal a relação entre o humano e a música, mais do que a preocupação em ensinar somente os conteúdos puramente técnicos.

Simultaneamente, a essas reflexões a autora entra em contato com a musicoterapia aplicada de uma perspectiva científica, inicialmente através de leituras e depois com o curso de pós-graduação em musicoterapia, que abriu horizontes para uma educação musical mais integrada.

A musicoterapia por ser híbrida e envolver várias áreas do conhecimento (ciência, arte e educação) possui uma diversidade de aplicações, objetivos, métodos e orientações teóricas, sendo certo que influenciada por diferenças culturais encontra-se em processo de formação. Por esse motivo muitas, são as definições para musicoterapia. Segue a que mais se aproxima da proposta deste artigo:

Musicoterapia é a utilização estruturada da música como processo criativo para desenvolver e manter o máximo potencial humano. A musicoterapia é utilizada com sucesso nas seguintes áreas: social, motora, desenvolvimento da comunicação, aquisição de conhecimentos escolares e manejo do comportamento. Utilizando objetivos reeducativos, a musicoterapia auxilia a promover o funcionamento ótimo através de uma grande variedade de experiências (BRUSCIA, 2000, p.280).

A educação musical com o olhar musicoterapêutico tem a intenção de promover a saúde do aluno de forma preventiva, acolhendo e atendendo as necessidades específicas de forma individual, surgindo assim a figura do educador-terapeuta. Profissional que necessita de capacitação para lidar com as diversidades e trabalhar o aprendizado musical como possibilidade de cuidado e desenvolvimento humano.

A autora a partir da experiência empírica, pesquisa bibliográfica e dos estudos aprofundados na especialização passa a ter uma nova visão sobre o educar musicalmente. Assim emergiu uma atitude mais cuidadosa, mais individualizada, interagindo de forma criativa e dinâmica com cada um dos seus alunos, levando em conta suas especificidades. Nesse sentido, o olhar musicoterapêutico traz uma visão do humano no seu aspecto criativo.

A criatividade está presente em todo ser humano, é preciso proporcionar oportunidades para seu desenvolvimento. Para Fonterrada (2008, p.133), “o corpo expressa a música, mas também se transforma em ouvido,

transmutando-se na própria música”. Desta forma, a criação advém dos movimentos corporais, associados ao ritmo e a melodia, colocando a música não como algo externo, mas pertencente ao ser.

Outros educadores musicais, além de Brito, Koellreutter e Fonterrada, citados anteriormente, como: Gainza, (2013); Orff, (1935); Schafer, (1997); Dalcroze, (1965); desenvolveram estudos sobre a importância da vivência musical, valorizando a experimentação, o improviso, a invenção, além da interpretação.

Esse improviso, essa experimentação no contexto educacional, podem proporcionar ao aluno a comunicação com seu *self* – eu interior – termo utilizado por Nordoff-Robbins na musicoterapia criativa.

Comunicando-se com seu *self*, o aluno manifesta a individualidade daquele *self*, que segundo Robbins (2013) é:

a vontade diretiva interior, sua capacidade para afirmar ou expressar a si mesmo ou comunicar seus potenciais à medida que eles se manifestam, e suas propensões inerentes. De modo que na resposta da criança, nós experimentamos junto com o *self*, o ser-dentro-do-*self*. E é no ser-dentro-do-*self* que vive o potencial de desenvolvimento criativo. (ROBBINS, 2013).

Para Robbins, toda criança ou nesse caso, aluno, tem dentro do *self*, sua *music child*, que responde as experiências musicais encontrando nela significado e atração, recordando a música e apreciando algumas formas de experiência musical.

Esta musicalidade individual é inata a toda criança, mesmo que exista uma deficiência, e reflete uma sensibilidade universal para a música e seus vários elementos.

Para que sua musicalidade atue, o aluno deve estar aberto a experimentar a si mesmo, aos outros e ao mundo ao redor dele e assim desenvolver suas capacidades receptivas, cognitivas e expressivas.

A musicalidade é inerente ao ser humano. Assim basta ao educador apresentar e estimular o verdadeiro aprendizado musical, para que desenvolva essa sensibilidade em relação ao universo sonoro da criança. Para que isso

ocorra é necessário que o educador perceba que ensinar música vai além das fronteiras das habilidades musicais.

A música não só organiza e disciplina, como também abre canais de comunicação. Segundo Benenzon (2011, p. 38) uma das funções da música e da musicoterapia é abrir canais de comunicação para que haja uma expressão corpóreo-sonoro-musical integrada entre terapeuta-paciente, assim como educador/terapeuta e aluno/paciente e vice-versa. Dessa forma, para o educador, há de se observar e interagir com o aluno inicialmente, a partir do repertório musical que ele traz. Essa música que está presente dentro do seu *self* constitui o que Benenzon (2011, P.67) denomina: Princípio de Identidade Sonora (ISO). Ele define esse conceito totalmente dinâmico como a existência de um som ou conjunto de sons ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano (BENZON, 1988, p. 34).

Para Benenzon (2011, p.67) o princípio de ISO se encontra em perpétuo movimento dentro do inconsciente do homem, estruturando-se com o transcorrer do tempo. É um elemento que possui potencializadas todas as forças das percepções passadas e presentes. Por isso, na terapia e na educação o verdadeiro ato de comunicação se estabelece quando se reconhecem e diferenciam o ISO do musicoterapeuta/educador e o ISO do aluno/paciente.

ISO é o conjunto de energias sonoras, acústicas e de movimento que pertencem a um indivíduo e o caracterizam. Este movimento constante está formado pelas energias sonoras herdadas através das estruturas genéticas, pelas vivências vibracionais, gravitacionais e sonoras durante a vida uterina e por todas as experiências analógicas (não verbais) desde o nascimento até a idade adulta. Isto acabaria por criar uma identidade corpórea-sonora-musical que caracterizará a esse indivíduo em particular e o diferenciará de todos os outros (BENZON 2011, p.67).

O educador deve estar sempre atento às mudanças que ocorrem nesse princípio de ISO e, assim, dialogar com seu aluno de forma significativa,

seja um aluno sem deficiência física, psíquica, mental ou com necessidades especiais.

Quando o aluno apresenta dificuldades no aspecto afetivo/emocional ou com necessidades especiais pode-se lançar mão também da musicoterapia criativa, proposta por Nordoff-Robbins, que propõe em sua abordagem o importante conceito de *condition child*, no qual está encapsulada a *music child*. Essa condição em que a criança/aluno se encontra está relacionada à personalidade desenvolvida de acordo com as experiências vividas em decorrência das dificuldades ou das deficiências apresentadas. Esse *self* é representado simbolicamente por uma forma desigual e irregular.

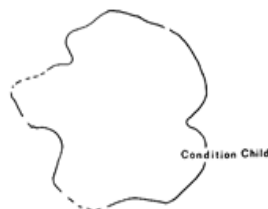


Figura 1: *Condition Child* (ROBBINS, 2013)

Pela experiência musical o aluno desenvolve um novo núcleo encoberto de um *self* que será nutrido, encorajado, desafiado, sustentado, questionado, nesse caso, pelo educador-terapeuta e começa a tomar uma individualidade além dos limites prévios de sua função, além da barreira do comportamento da *condition child*.



Figura 2: O Velho Self e Novo Self (ROBBINS, 2013)

Esse núcleo, após o crescimento dessa interatividade e inter-relação criança e educador-terapeuta se expande, criando assim um novo self e a

antiga *condition child* se torna o velho *self*. À medida que essa criança/aluno fortaleça essa nova condição, novas percepções substituirão as velhas reações e essa nova sensação do *self* a fará confiante para uma nova vida. Para que esse trabalho possa ser desenvolvido temos que ter clareza sobre o papel do educador musical com esse olhar terapêutico em sala de aula.

A autora tem como proposta desenvolver uma metodologia de ensino da educação musical a partir da identidade sonora do aluno. Assim, propõe inicialmente uma testificação musical a partir da exploração do instrumento a ser aprendido, assim como o levantamento das suas preferências musicais e do seu repertório, com a finalidade de desenhar um perfil mais próximo da sua identidade sonora, permitindo uma abordagem preventiva ou auxiliar no que tange aos aspectos relacionados à saúde do aluno.

Para tanto, procura acrescentar atividades que estimulem a percepção sonora do aluno relacionada ao seu contexto social, ou seja, partindo da percepção do seu universo sonoro, promovendo uma interação com os sons externos mediante o diálogo e a contextualização. Dessa forma, permite ao aluno o aprimoramento e o desenvolvimento de seus conhecimentos musicais, bem como de suas capacidades sensório-motoras, sensório-mentais e espirituais, tornando-se assim um ser não dissociado, mas em busca da plenitude.

Em entrevista à revista Nova Escola, almejando elucidar o objetivo educacional da música no currículo escolar, explica Gainza (2013):

Dar a todos os estudantes a oportunidade de compreender e expressar a linguagem musical e, ao mesmo tempo, fomentar o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade de articulação de crianças e jovens por meio da prática musical ativa. (GAINZA, 2013).

É importante salientar que as diferenças entre educação e terapia estão principalmente em sua finalidade

[...] na educação, adquirir conhecimento e habilidades é o objetivo primário, enquanto na terapia é apenas um meio de alcançar a saúde, [...] a educação, enfoca a aquisição de conhecimento e de habilidades

por seu próprio benefício, enquanto a terapia trabalha para abordar os déficits educacionais ou os problemas da aprendizagem que afetam diretamente a saúde e o bem estar da pessoa (BRUSCIA, 2000, p.184)

Sobretudo, os meios utilizados pelas duas áreas para atingir seu objetivo demonstram que há uma cooperação recíproca entre as áreas. O educador se utiliza de elementos da musicoterapia para auxiliar no processo de aprendizagem e o musicoterapeuta se utiliza de elementos da educação musical como coadjuvante no processo terapêutico.

Gainza (2013) levanta uma reflexão sobre o papel do educador e do musicoterapeuta:

a diferença fundamental que existe entre um educador e um musicoterapeuta é que ao último lhe interessa curar. Deveríamos perguntar primeiro: O que é curar? (Na realidade, deveríamos começar por definir a fundo estes termos...) e ao educador deveria lhe perguntar: O que lhe interessa ensinar? O que se faz quando um aluno manifesta dificuldades que lhe impedem aprender? (GAINZA, 2013).

O que ensinar? Como agir frente às dificuldades manifestadas pelo aluno? Nesse contexto, Passarini (2012, p.142) propôs o termo Educação Musical Terapêutica

Trata-se de uma prática onde o aprendizado musical e o processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância, considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário; onde técnicas da educação musical e da musicoterapia se complementam; onde relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno considerando que o sujeito aprende sentindo e sente aprendendo, ou seja, o aprendizado é norteado pelo afeto e vice-versa; onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência. (PASSARINI, 2012, p.142)

Para ilustrar esse estudo reflexivo exposto acima, a autora apresenta situações vivenciadas com alguns alunos ao longo de sua trajetória como

educadora musical que a levaram a estes questionamentos e a busca de uma transformação na prática educacional.

L.F. iniciou o estudo de piano com 11 anos. Diagnosticado com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), desde o primeiro encontro com o instrumento mostrou-se muito interessado em explorar as possibilidades sonoras do piano. Em momentos de reflexão, análise, aprendizagem sobre determinadas melodias e também sobre teoria sua dificuldade em concentrar-se era notória. No entanto, quando executava a melodia no piano sua atenção era plena. Parece que a música primeiro se construía em sua mente, depois ele buscava as notas desejadas no instrumento. Suas composições sempre foram muito elaboradas para seu conhecimento teórico. Surpreendentemente isso se deve a sua criatividade, qualidade esta muitas vezes não percebida por pais e professores.

Em contrapartida, a leitura musical com seus sinais e símbolos não eram relevantes para ele. Aprender música significava interagir com os sons e não com símbolos no papel. Respeitar sua forma de comunicação com a música que aflorava dentro do seu *self* foi fundamental para que ele percebesse outras linguagens musicais e procurasse novas formas de comunicação.

Deste modo, ampliando seu conhecimento musical, L.F. modificou sua percepção em relação a si, ao outro e ao contexto social que se encontrava inserido, tornando-se mais confiante para enfrentar novos desafios.

A.N. estava com 6 anos quando a autora o conheceu. Aluno do 1º ano do ensino fundamental, não conseguia se relacionar com as outras crianças do seu grupo. No decorrer das aulas de musicalização discutia com os amigos e soltava gritos e urros intensos. As crianças ficavam assustadas e se afastavam dele.

Sua relação com as sonoridades trabalhadas em aula eram instáveis. Ora causavam-lhe sorrisos, ora caretas e reclamações. Em uma atividade proposta com uma canção de ninar italiana, A.N. ficou muito agitado e se negou a participar da proposta sugerida. Respeitando seu momento, após a

atividade foi chamado para conversar. Foi sugerido que ele desenha-se o que o afligia e ele concordou. Em seu desenho sua mãe aparecia distante e pequena com seu irmão no colo e ele estava com uma expressão triste rodeado de crianças.

Em outra aula A.N. pediu papel e lápis e perguntou se podia desenhar enquanto ouvia outra canção, agora em hebraico, pois fazia parte do programa de música de outros países. Dessa vez ele ilustrou sua antiga casa com seus pais e antigos amigos, vizinhos que hoje estão longe. Seu descontrole em aula havia amenizado, mas em outros momentos na escola continuava muito agressivo. Seus desenhos e seu comportamento foram relatados a coordenadora.

Após reunir a equipe de educadores que atuavam com A.N., seus pais foram chamados e aconselhados a procurarem um apoio terapêutico para ele e a família. Infelizmente, após essa fala seus pais pediram sua transferência da escola.

Este fato mostra a responsabilidade que o educador e a instituição escolar têm em relação ao aluno e como a fala deve ser cuidadosa ao encaminhar para um acompanhamento terapêutico. A interpretação dos fatos não cabe ao educador ou a instituição, os relatos devem ser descritivos e a procura por auxílio deve partir da família.

Para finalizar, a autora fará uma explanação sobre uma atividade desenvolvida com crianças de 5 a 7 anos nas aulas de musicalização infantil.

A proposta era criar uma história sonorizada, onde os personagens seriam representados por instrumentos específicos selecionados previamente. Após a escolha do tema as crianças começaram a compor a história: “Era uma vez uma lagosta que vivia no mar....”

Cada criança expôs sua ideia que era discutida e adotada ou não pelo grupo que organizadamente selecionava os acontecimentos e sua disposição. Posteriormente foram escolhidos os instrumentos que representariam cada personagem e acontecimentos sonoros. Para finalizar, os alunos decidiram improvisar uma melodia feita por todos os instrumentos da história. Depois de

experimentar possibilidades sonoras e interpretar algumas vezes a história, o grupo decidiu registrar a atividade e ilustrar os personagens.

O objetivo dessa proposta era permitir que cada criança contribuísse com sua musicalidade natural, explorando, criando, experimentando e ampliando seu universo sonoro e assim se apropriando dos conceitos musicais envolvidos, de forma vivencial, aprendendo-sentindo e sentindo-aprendendo, considerando a singularidade de cada aluno e valorizando sua identidade sonora.

As atividades descritas acima (autorizadas pela instituição responsável onde as aulas foram ministradas) mostram a preocupação com o desenvolvimento integral dos alunos em relação às sonoridades e à música. Mesmo buscando esse olhar cuidadoso como educadora musical é importante salientar que, somente, após essa especialização algumas percepções intuitivas tornaram-se claras e fundamentadas. Dessa forma, tornou-se possível a adoção de estratégias conscientes orientadas pelo olhar terapêutico.

Considerações finais

A partir da formação como especialista em musicoterapia a autora pôde constatar a reafirmação da importância de se levar em conta a musicalidade inerente ao humano, suas preferências sonoro-musicais e seu repertório para um aprendizado mais efetivo.

Por conseguinte, a especialidade em pauta trouxe o embasamento teórico-prático almejado para que fosse possível observar as transformações e o desenvolvimento dos alunos por meio da música e das experiências sonoras em sala de aula.

Sendo assim, a formação como especialista em musicoterapia permite criar uma nova metodologia de trabalho como educador-terapeuta trazendo um olhar mais cuidadoso para o aluno, propondo um trabalho preventivo, não confundindo seu papel com o do musicoterapeuta, pois não cabe ao educador

tratar ou diagnosticar. Entretanto, um professor com um olhar ampliado e uma compreensão sobre o aprendizado musical irá partir da identidade sonora do aluno, tornando-o mais significativo.

Quanto ao desenvolvimento humano integral, este reflete o objetivo primário, fazendo com que o foco da Educação Musical tenha uma abordagem terapêutica e assim se possa trabalhar com a singularidade do aluno, utilizando conceitos e técnicas de Nordoff-Robbins, Benenzon, Bruscia, entre outros.

Por fim, a comunicação com o mundo sonoro do aluno a partir do vínculo estabelecido entre aluno/paciente e educador/terapeuta permite uma proposta de desenvolvimento dos conceitos musicais e do aprendizado instrumental propriamente dito, de forma lúdica e eficiente, pois a musicalidade natural da criança é ativada e se expressa de acordo com todo o potencial existente.

Referências

BENENZON, R. **Teoria da Musicoterapia: Contribuição ao conhecimento não verbal**. São Paulo: Summus editorial, 1988.

BENENZON, R. O. **Musicoterapia – De la teoría a la práctica**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

BRITO, T. A. **A música na educação infantil: proposta para formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRITO T. A. **Cenas Musicais I a música do sombra**. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_1/sombra.htm. Acesso em: 31 maio 2013.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

DALCROZE É. J. **Le Rythme, la Musique et L'Éducation**. Lausanne: Editions Foetisch, 1965.

FERREIRO, E. A estudiosa que revolucionou a alfabetização - **Revista Nova Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua->

portuguesa/alfabetizacao-inicial/estudiosa-revolucionou-alfabetizacao-423543.shtml Acesso em: 20 de agosto 2013.

FONTEERRADA M. T. O. **De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: Unesp, 2008.

GAINZA V. H. **Construyendo con Sonidos - Conciencia y creatividad en la educación musical.** Argentina: Lumen, 2013.

GAINZA, V. H. Entrevista com especialista argentina Violeta Hemsy de Gainza sobre a importância da formação específica dos professores de música em Educação. **Revista Nova Escola.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/artes/pratica-pedagogica/violeta-hemsy-gainza-fala-educacao-musical-627226.shtml?page=1> Acesso em: 30 de maio 2013.

KOELLREUTTER, H.-J. “Sobre o valor e o desvalor da obra musical.” In: **Educação Musical: Cadernos de estudo, nº6**, organização de Carlos Kater. Belo Horizonte: Atravez/EMUFMG/FEA/FAPEMIG, 1997, pp. 69-78.

ORFF, C. **Método Orff-Schulwerk.** Alemanha: Schott Music, 1935.

PASSARINI, L.; AOKI T.; PREARO P.; ANDRADE A. Anais – XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia: **A educação musical no desenvolvimento da criança: trilhas da musicoterapia preventiva.** 2012.

ROBBINS, C. e ROBBINS, C. **Auto-Comunicação em Musicoterapia Criativa:** In Case Studies in Music Therapy. Tradução: Gregório Pereira de Queiroz. Material disponibilizado em aula pela professora Ana Maria Caramujo (2013).

SHAFFER R. M. **A afinação do mundo.** São Paulo: Unesp, 1997.

Recebido em: 12/09/2013
Aprovado em: 05/11/2013

MUSICOTERAPIA